

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: O QUE PENSAM XS ALUNXS LICENCIANDXS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS?

Profa. Doutoranda Fabiana Aparecida de Carvalho
PCM-UEM/ Departamento de Biologia
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

As representações manifestas por professorxs em formação sobre questões como gênero, homossexualidade, masturbação, violência, aborto, construção da corporeidade, diversidade, entre outras são pouco conhecidas, tematizados e debatidos nos currículos de licenciaturas. Soma-se a isso, o mito de que a educação para a sexualidade deve ser de responsabilidade de docentes de ciências. Frente ao exposto, o presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa feita com alunxs de um Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, visando levantar suas facilidades, dificuldades, práticas e concepções diante de temáticas voltadas à sexualidade tanto no campo da atuação, quanto no campo da formação docente. Os resultados estão dispostos em categorias (definição; dificuldade; práticas realizadas; dificuldade em relação ao temas) que pretendem, também, oportunizar um intervalo de críticas frente aos dispositivos da sexualidade que incidem na atuação de biológxs e de futurxs educadorxs.

Palavras-chave: Educação para a Sexualidade; Representações; Ensino de Ciências e Biologia.

INTRODUÇÃO:

Este trabalho é parte de uma pesquisa intitulada “Sexualidade e Educação Sexual: representações e práticas de licenciandXs em Ciências Biológicas” desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá (PR), que objetiva investigar as representações, práticas e significados culturais acerca da sexualidade e da educação sexual de alunXs do Curso de Ciências Biológicas e problematizar esses entendimentos nos intervalos de formação inicial de professorXs de biologia.

A sexualidade tem sido colocada como central à nossa existência e a escola recorrentemente é lembrada como o espaço privilegiado para se gerar informações,

Realização:



Apoio:



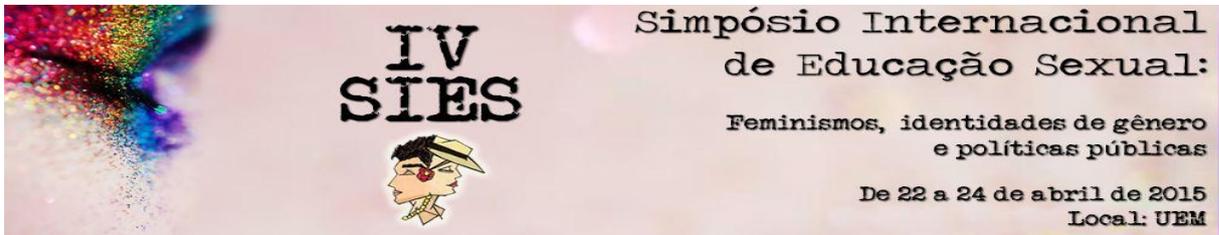
DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



intervenções pedagógicas e saberes sobre ela e sobre questões que envolvem o corpo, as construções de gênero, as vivências sexuais e relacionais e a convivência humana.

Entretanto, as abordagens, as intervenções pedagógicas e os artefatos culturais voltados a um espaço de educação para a sexualidade veem-se ancorados e respaldados junto aos territórios do Ensino de Ciências e Biologia e junto aXs professorXs desta área de conhecimento, perfazendo uma tendência de explicar fenômenos humanos e a construção cultural da sexualidade em termos biológicos. Este caráter biologizante é objeto de crítica e de preocupação de muitXs autorXs no campo das políticas de educacionais, dos entendimentos de gênero, da formação inicial e contínua para o ensino de muitas áreas do conhecimento que problematizam a anato-funcionalidade do corpo, da reprodução e do sexo que irão, em escolas e nas pedagogias culturais, excluir os aspectos subjetivos, identitários generificados, étnicos da construção da sexualidade (CARVALHO, 2011; FIGUEIRÓ, 2009; BONFIM, 2009; ALTMANN, 2005; LOURO, 2003; RIBEIRO, 2003).

Tanto professores quanto materiais pedagógicos como manuais, livros, folders, posters, etc., [...] são responsáveis pela educação sexual na escola; analisam a questão sexual numa abordagem anato-morfo-fisiológica e de saúde sexual (RIBEIRO, 2003, p. 67).

Analiticamente, essa biologização da sexualidade pode ser compreendida com o auxílio dos estudos de Michel Foucault (1988), principalmente aqueles que se debruçam sobre as relações de poder e sobre os discursos consolidados historicamente em nossa sociedade. O filósofo nos fornece explicações contingentes e situadas sobre a invenção do termo sexualidade, no sentido de uma verdade para o sexo, destacando processos de incitação de falas (táticas de confissão, exames médicos, análises demográficas) que, ao longo do tempo, subsidiaram muitos dos discursos culturais acerca de nossas vivências e de nossos saberes sobre os corpos. De acordo com a crítica foucaultiana, a predominância das

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



campanhas preventivas, das bulas prescritivas, dos métodos contraceptivos e da imposição de uma anatomia pautada na genitalidade em nossas escolas, em nossos entendimentos e em nossas representações, podem exemplificar como o sexo e o corpo foram marcados por investidas biopolíticas de observação, regulamentação e fiscalização (FOUCAULT, 1987).

Na verdade do sexo, a constituição da sexualidade, também nos espaços de aprender e ensinar, esteve direcionada para uma forma de saber desenvolvida graças à fisiologia da reprodução e ao discurso médico; em suma: o discurso sobre sexualidade, na escola, respalda-se, também, num discurso científico que teria como função produzir normas de ajuste e de conduta aos sujeitos. Assim, as explicações orientadas pelo discurso supostamente biológico, (re) produzido na anatomia e na fisiologia da reprodução, cumpririam, pois, a função de reger a sexualidade por meio de conceitos, explicações, modos de disciplinarização que estão presentes na organização curricular, nas falas e nas ações de muitos docentes e discentes.

Com essas orientações, pode-se entender a sexualidade como dispositivo produzido pelos acontecimentos históricos, culturais, e mesmo subjetivos, que irão compor linguagens, práticas, representações, crenças e ideários que circulam em nossas sociedades. Sob essa lógica, a educação para a sexualidade seria, também, um dispositivo pedagógico que pela segmentação, ramificação e estratificação de constituintes de diferentes outras representações diz sobre as maneiras de ser e de se portar dentro de uma educação para o sexo.

No entanto, o conhecimento está circulando (e ou sendo produzido) em muitos espaços e instâncias culturais não pela mera imitação e repetição de seu caráter biológico, mas por tensões permanentes que lhes agencia novos significados. Sob este prisma, o conhecimento sobre a sexualidade e sobre a educação sexual ganharia novos significados quando percorrem diversas outras posições e cenários que envolvem políticas sociais, institucionais e pessoais diferenciadas. Assim, dentro das vivências cotidianas poder-se-ia pensar em desestabilizar as identidades e discursos dominantes ao se colocar em evidência as práticas e as representações das pessoas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Essas colocações conduzem à percepção de que o discurso supostamente original sobre sexualidade está imbricado com as próprias representações produzidas nas instâncias culturais; elas, recorrentemente, se fazem presentes e se potencializam na escola. Além disso, fazer conhecer as práticas e representações construídas culturalmente passa por examinar os discursos de docentes e alunXs, por exemplo, da própria área de biologia. E, ainda, privilegia e subsidia ações e contornos que podem desconstruir as formas tradicionais de educação sexual já alocadas dentro da escola, tais como: informações normativas sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), AIDS, gravidez e contracepção, etc.

No que concerne à ordenação dos currículos de formação inicial, entretanto, poucos cursos de licenciatura fornecem aXs futurXs professorXs de biologia e ciências disciplinas e contextos de debates de questões e práticas de educação sexual (BONFIM, 2009). O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, por exemplo, não apresenta – além de alguns intervalos pontuais dentro das disciplinas pedagógicas e da instrumentalização (para a atuação docente e no campo do estágio supervisionado) tempos e espaços de problematizações das temáticas relativas à sexualidade.

Um espaço de discussão e de levantamento de representações e práticas sobre a sexualidade e a educação sexual, entretanto, poderia contribuir para o esclarecimento de assuntos como gênero e sexualidade dentro do campo de atuação e formação docente, além de oportunizar criticamente um intervalo de críticas ante aos dispositivos presentes na escola, nos currículos e nos territórios do ensinar e aprender.

Acreditando que alunXs em formação também constroem suas práticas, representações e significações sobre as temáticas que envolvem a compreensão da sexualidade humana e das ações de educação sexual, e visando estabelecer possibilidades iniciais de discussão sobre as compreensões da sexualidade, a presente pesquisa (em especial, o recorte trazido aqui) vislumbrou o levantamento das representações sobre sexualidade e do entendimento sobre práticas de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



educação sexual dXs licenciandXs do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE: EITOS DE NORMAS E BIOLOGIAS

Com Guacira Louro (1988) podemos compreender que a sexualidade é uma dimensão importante na formação das pessoas e dos grupos sociais; ela é recorrentemente tensionada pelas compreensões das políticas públicas e educacionais e está sujeita a um campo normativo e regulatório que se decanta nas escolas e em nossa história pessoal e coletiva. Dessa forma, os dispositivos pedagógicos de educação atravessam concepções, representações e configurações culturais, fixando ou desestabilizando identidades sexuais, de gênero, étnicas, corporais, vivências que insurgem nos documentos de ensino e nos currículos escolares.

Em conformidade com essa premissa, podemos destacar que muitos posicionamentos sobre sexualidade, corporeidade, afetividade (carregados para dentro das atividades de educação sexual praticadas na escola brasileira), estão entrelaçados aos discursos biológicos e normativos construídos e disseminados no país entre nos Séculos XIX e XX.

Numa rápida síntese¹, e com o intuito de apontar normas e biologias decantadas nos currículos e nas escolas, destacaram-se, na história da educação para a sexualidade e no âmbito da formação de profissionais e de pessoas: as definições dos saberes médicos que direcionaram o entendimento sobre sexo e sexualidade no Brasil; o higienismo, que se preocupou em combater doenças e a evitar a degenerescência da população; o eugenismo, que visou o aperfeiçoamento étnico por meio de uma profilaxia social; os discursos em torno da preservação da família e das estratégias de procriação; os discursos sobre as sexualidades

¹ Aponto uma síntese das epistemologias que fizeram ou fazem parte de documentos e normas curriculares para o ensino e a educação para a sexualidade. Nesse artigo, a ênfase não é cronológica, mas, sim, discursiva. Para Xs que desejam saber mais detalhes sobre a historiografia da educação sexual no Brasil, sugiro consultar o Artigo: Educação sexual no Brasil: poderes, resistências e contradições (CARVALHO, 2014).

Realização:



Apoio:



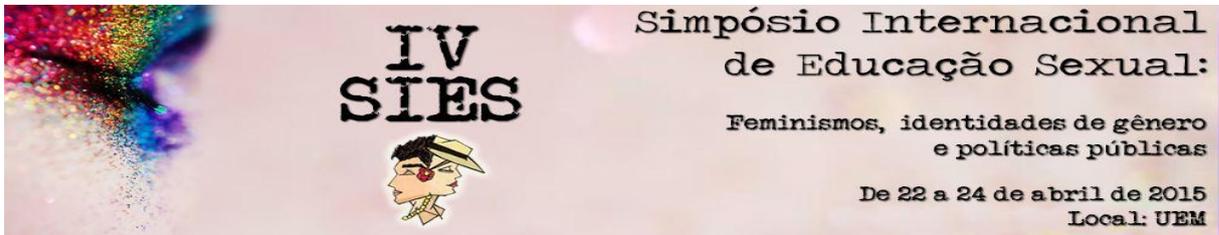
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



consideradas diferentes (homossexuais, crianças, deficientes físicos, mulheres); as parcerias entre Estado e Igreja na defesa do sexo conjugal; a inclusão dos programas de saúde como disciplinas e componentes curriculares, bem como suas ênfases no tratamento de questões ligadas à sexualidade; a preocupação em relação às DSTs e às epidemias de AIDS que fizeram das práticas e intervenções pedagógicas processos enlaçados pela medicina da saúde e doença; a contracepção como controle populacional; o corpo dentro de uma lógica anatômica, hormonal, reprodutiva e funcional.

Esses discursos todos também geraram/geram processos identitários e de identificações para Xs que atravessam os campos disciplinares das ciências biológicas e de seus cursos de formação (e mesmo para todXs nós que tivemos processos de escolarização e deslizamos em redes móveis de múltiplos saberes).

Uma vez que as representações de professorXs e alunXs não estão isentas de processos históricos, de ideologias, de limitações, de preconceitos, de tabus, ou, ainda, livres da permeabilidade do discurso biológico, não podemos afirmar que seus pensamentos e concepções também estejam livres de pedagogias higienistas e reprodutivistas, livres da sexualidade preventiva pautada na patologização do sexo, na vigilância sobre a gravidez adolescente, no controle do corpo e nas normas de saúde e doença. Tencionam-se, ainda, em meio a essas compreensões o viés de que a sexualidade está envolvida num contexto social de desejos, crenças, valores, comportamentos, relações e identidades que são construídas e negociadas ao longo do tempo (WEEKS, 2007).

Essas ideias brevemente expostas respaldam a investigação dos entendimentos sobre os temas de sexualidade, gênero e educação sexual manifestas por discentes do Curso de Ciências Biológicas. Vale destacar que, na posição de futurXs educadorXs e docentes das disciplinas de ciências e biologia, muitXs dessXs alunXs carregarão as marcas de suas formações e serão atores nos processos de construção de conhecimentos acerca dos corpos e da sexualidade humana.

Realização:



Apoio:

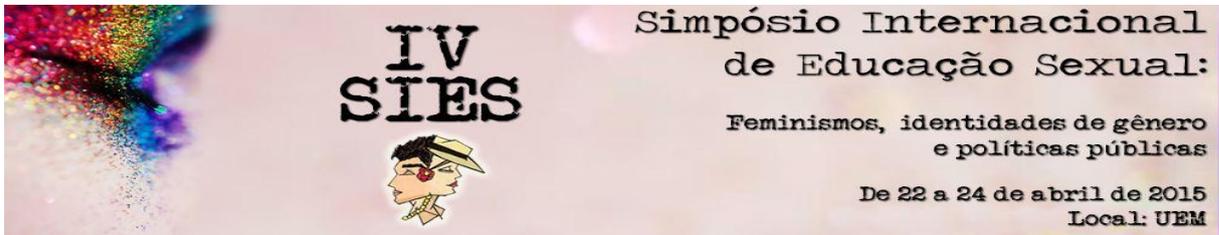


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





A INVESTIGAÇÃO

O Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, habilitação Licenciatura, é ofertado para turmas no período integral e turmas no período noturno, com o prazo mínimo de 04 e o máximo de 07 anos para colação de grau. Essa graduação já congrega uma história de mais de 40 anos dentro da Universidade e na comunidade local, o que denota a importância do curso para Maringá e região em termos de formação, de pesquisa e extensão.

A grade curricular da licenciatura abarca disciplinas da área específica (zoologia, bioquímica, biologia molecular, ecologia, entre outras) e da área de formação pedagógica (Didática, Estágio Supervisionado, Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia). O currículo do curso, todavia, tanto para as turmas do período integral quanto para as turmas do período noturno, peca por não dar a ênfase necessária a instrumentalização dXs alunXs para as discussões de temas relacionados à sexualidade humana.

Embora os significados sobre gênero, sexualidade e corpo sejam construídos em práticas contínuas e negociadas nas mais diversas instâncias sociais e culturais, essa lacuna entre o preparo dXs futurXs professorXs na graduação e as necessidades assinaladas nas propostas curriculares para a educação básica (BRASIL, 1999) e nas diretrizes estaduais para o ensino (PARANÁ, 2008) e a realidade escolar destacam uma incoerência que desvela que

As teorias educacionais e as inúmeras disciplinas que constituem os cursos de formação docente pouco ou nada nos dizem sobre os corpos – dos estudantes ou dos nossos. (...) Mas, a preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas. (...) Todos os processos de escolarização sempre estiveram – e ainda estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres (LOURO, 2000, p. 60).

Essas táticas pedagógicas de omissão ou de silenciamento da educação para a sexualidade na formação inicial podem, contudo, corroborar ainda mais para a manutenção do atributo biológico na compreensão das sexualidade, uma vez que

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





esse imperativo é ainda continua sendo um marcador nos currículos e nos artefatos culturais que serão utilizados por professorXs em suas salas de aula (destaque para: livros didáticos, manuais de ensino, cartilhas, folders de campanhas preventivas, etc).

No contexto da pesquisa, a aplicação do instrumento investigativo e a análise das representações e temáticas de sexualidade desenvolvidas foram realizados, num primeiro momento, investigando 30 licenciandXs regularmente matriculados e em processo de formação inicial, com o critério de direcionar as perguntas aXs que passaram por algum intervalo de prática de ensino e de instrumentalização para a docência em ciências e biologia nas duas turmas onde o curso de licenciatura é ofertado. O enfoque quali-quantitativo da investigação está ancorado na de coleta de dados baseada na aplicação de questionário (GIL, 1999). Nesse intervalo da pesquisa, foi priorizado o levantamento estatístico simples para se antever quais seriam as concepções, representações e pensamentos dXs alunXs sobre sexualidade.

No questionário constavam os dados pessoais (idade, gênero, formação acadêmica, disciplinas lecionadas e atividades de educação sexual realizadas); três perguntas de múltipla escolha sobre sexualidades (com a possibilidade de assinalar mais de uma resposta caso fosse necessário); uma tabela para se assinalar o grau de dificuldade (muito fácil, fácil, difícil, muito difícil) com temáticas e assuntos ligados às de educação sexual.

Dos 30 licenciandXs que fizeram parte da pesquisa, 22 eram do gênero feminino e apenas 8 do gênero masculino. A faixa etária dXs pesquisadXs varia entre 19 e 26 anos. DessXs, 27 já haviam realizado atividades docentes lecionando em disciplinas do ensino fundamental e médio pertencentes à área de Ciências da Natureza (Ciências, Biologia, Química, Física e Matemática), sendo Ciências a disciplina mais lecionada. E apenas 4 pessoas, dentre as entrevistadas, declaram haver realizado intervenções de educação sexual na escola, citando roda de conversas, discussão de temas dentro do conteúdo programático das disciplinas,

Realização:



Apoio:

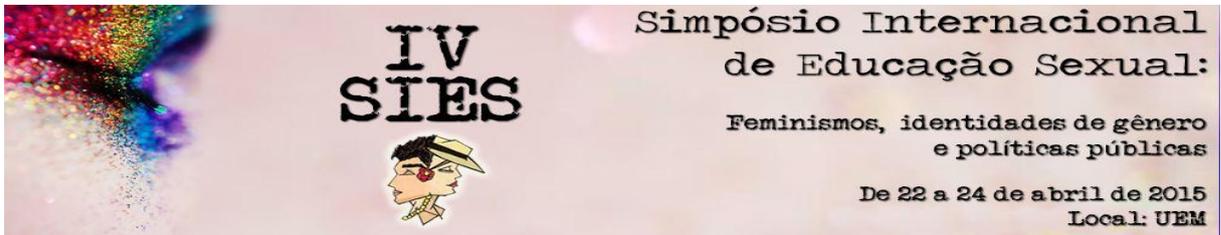


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



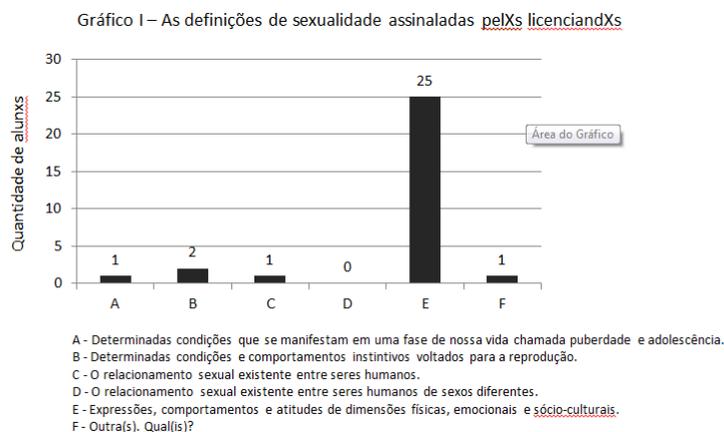


palestras em semana cultural na escola e cursos sobre sexualidade e DSTs como atividades realizadas.

Os demais resultados, derivados das questões de análise, estão dispostos nas categorias de análise (BARDIN, 2011) que se seguem e nos gráficos que as acompanham com a finalidade de visualizar a resposta dXs estudantes e, uma vez coletadas essas concepções, oportunizar, futuramente, novos questionamentos que possibilitarão um intervalo de críticas frente aos dispositivos da sexualidade que incidem na formação e na atuação de biológxs e de futorxs educadorxs.

DEFINIÇÃO DE SEXUALIDADE

De acordo com o Gráfico I, a maioria dXs discentes considera a sexualidade humana o conjunto de expressões, comportamentos e atitudes de dimensões, físicas, emocionais e sócio-culturais.



Esse aspecto multifacetado das compreensões sobre sexualidade assinalado pelXs acadêmicos vai ao encontro dos discursos que prezam pela inclusão da educação para sexual na escola, como, por exemplo, os do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que definem a sexualidade como aspecto bio-psíquico social.

Realização:



Apoio:

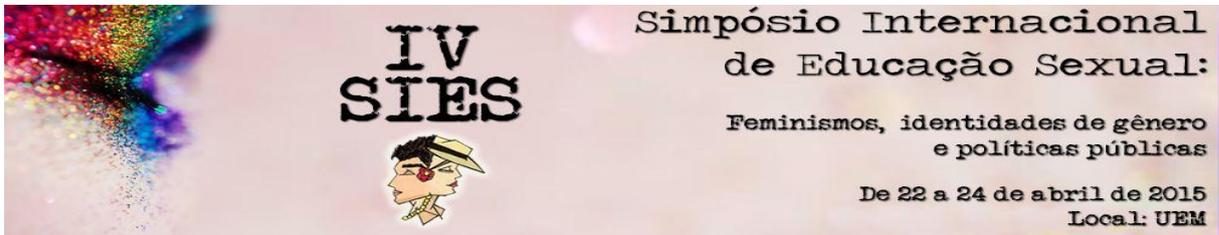


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



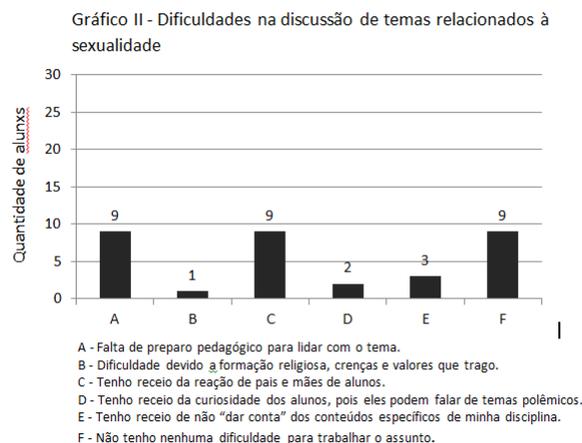
Patrocínio:





JUSTIFICATIVA PELA DIFICULDADE NA DISCUSSÃO DE TEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE

Mesmo que a maioria dXs discentes pesquisados tenham manifestado que ainda não desenvolveram atividades e intervenções de educação sexual durante o período de formação, nas disciplinas pedagógicas do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e na atuação escolar, o gráfico II, que aponta as justificativas e as dificuldades em lidar com temas relacionados à sexualidade humana, situa tanto as dificuldades dXs entrevistados no âmbito da falta de preparo pedagógico para lidar com o tema e do receio da reação dos pais e mães de alunXs em idade escolar, quanto aquelXs que em suas respostas não sentem nenhuma dificuldade em lidar com o assunto.



O cruzamento destas respostas, entretanto, pode nos deixar claro a existência de divergências ou conflitos que são também marcados nas vozes de professorXs em formação e de docentes que atuam nas escolas como justificativas para não se concretizar práticas de educação sexual. Das falas, pode-se destacar: a) a dificuldade para desenvolver os conteúdos sobre sexualidade por despreparo pedagógico; b) as dificuldades devidas à interferência da religião e de outras crenças a respeito da sexualidade humana; c) o não desenvolvimento de atividades de educação sexual por receio da reação de pais e mães de alunos/as; d) o receio das reações negativas de colegas professores, de aluno/as e de que as atividades

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



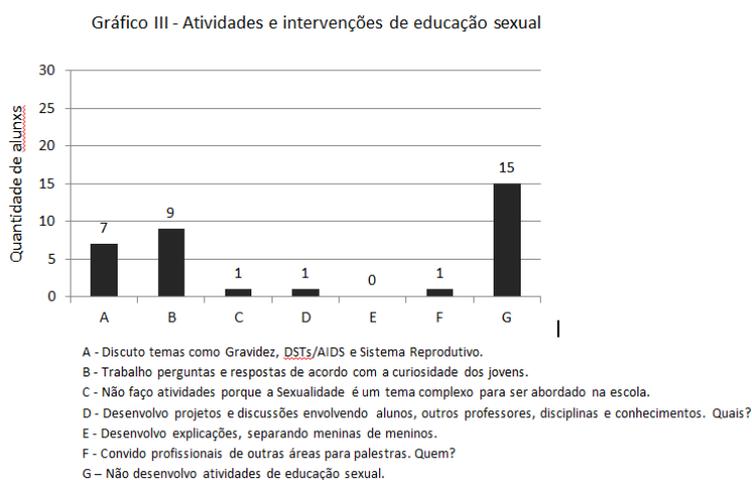


desenvolvidas percam o *status* de aula; e) dificuldades devido à interferência de tabus, preconceitos e pensamentos derivados do senso comum (CARVALHO, 2011).

Essas justificativas, mais que simplesmente o medo em se trabalhar temas voltados à sexualidade, são dispositivos pedagógicos que atravessam práticas curriculares e formativas e reverberam nos conhecimentos e saberes sobre corpo, gênero e sexualidade difundidos na escola.

ATIVIDADES E INTERVENÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL

O Gráfico III aponta que 15 discentes não desenvolvem ou desenvolveram intervenções de educação para a sexualidade.



Xs que declararam realizá-las trabalham com perguntas e respostas de acordo com a curiosidade dXs jovens e com a discussão de temas como gravidez, DSTs, AIDS e sistemas reprodutivos.

Vale ressaltar que, muitas vezes, quando se fala em Educação Sexual no âmbito da escola, nos reportamos às práticas conhecidas, resquícios das abordagens eugênicas e higienistas, e que vem sendo realizadas pelo viés da prevenção de gravidez e DSTs e pontuando, ainda mais, a visão biologizada da sexualidade e a caráter reprodutivo do corpo. É muito comum a ideia de que a

Realização:



Apoio:



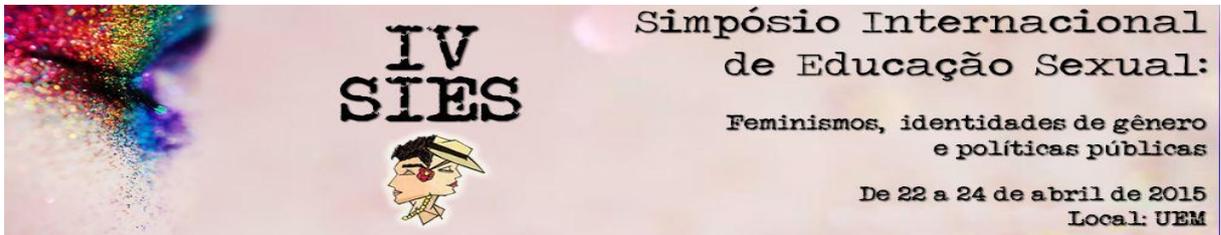
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook

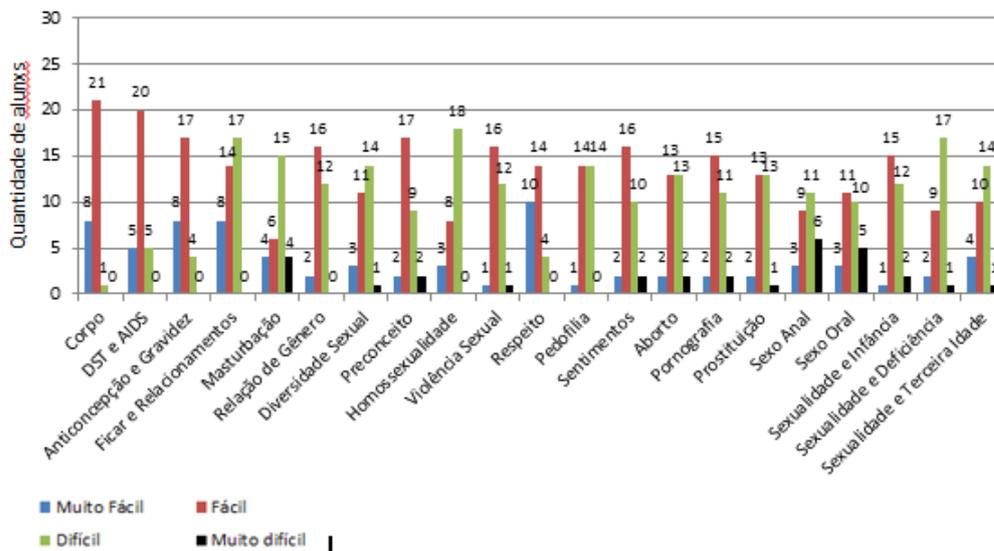


educação para a sexualidade seja a rememoração ou ênfase explicativa na fisiologia e na mecânica do sexo e da reprodução. Tal aspecto ainda pode ser reforçado nos cursos de formação de professores.

AS DIFICULDADES EM SE LIDAR COM OS TEMAS

Os temas listados no Gráfico IV são questões recorrentes na escola e na sociedade quando pensamos em intervenções de uma educação para a sexualidade.

Gráfico IV - Dificuldade em lidar com os temas



Conforme a legenda, Xs alunXs assinalaram o grau de dificuldade em se trabalhar com cada um deles. A cor azul corresponde ao nível muito fácil, a cor vermelha ao fácil, a cor verde ao nível difícil, e, o muito difícil é caracterizado pela cor preta.

“Corpo”, “DSTs”, “gravidez” são considerados pelXs discentes os temas considerados sem maior grau de dificuldade, aparecendo no rol dos assuntos muito fáceis e fáceis de se trabalhar. Nessa mesma classificação, aparecem, em seguida, os temas “respeito”, “sentimentos” e “relações de gênero”. As respostas coincidem com os eixos propostos pelos PCN para a discussão da sexualidade como: prevenção, doenças e AIDS, corpo humano, relações de gênero, afeto, respeito. São

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





também os temas discutidos nas atividades tradicionais de educação sexual e que estão presentes em projetos pedagógicos, currículos e pedagogias culturais. Nesse sentido, Xs discentes apontam o decalque daquilo que enviesa a discussão da sexualidade humana na escola e que pontua os nossos entendimentos quando se retomou, por exemplo, a importância de discutir esses temas em termos de prescrição, cuidados e vigília sobre os corpos e sexos das pessoas.

Na ordem das dificuldades aparecem os temas: “ficar/relacionamentos”, “masturbação”, “diversidade sexual”, “homossexualidade”, “pedofilia”, “sexo anal”, “sexualidade e deficiência”, “sexualidade e 3ª. idade”; são justamente esses os temas que fogem da norma biologizada, que tensionam outras sexualidades, que exigem se falar de sentimentos, de construções culturais, de desejos, de medos, de questionamentos e que apontam para os processos de subjetivação que não estão presentes nas práticas descritivas ou tradicionais de educação para a sexualidade.

As compreensões dessas representações manifestas pelXs professorXs em formação (dentro das licenciaturas) sobre assuntos como gênero, homossexualidade, masturbação, violência, aborto, a construção da corporeidade, limites éticos e condutas diferenciadas sobre multiplicidade, diversidade, respeito humano, são pouco conhecidas, tematizadas e debatidas conscientemente e de forma problematizadora. Nesse sentido, considerar um espaço de discussão e de levantamento sobre o que pensam oX studentXs em cursos de formação é, também, criar um intervalo onde a educação sexual possa ser diferenciada.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Embora a pesquisa tenha apontado aspectos descritivos e analíticos, acreditamos que professorXs em processos formativos constroem suas práticas, representações e significações sobre as temáticas que envolvem a compreensão da sexualidade humana e das ações de educação sexual. Nos processos de negociação e de aprendizado, tensionam a compreensão científico-biológica da sexualidade e os significados que circulam nos grupos sociais, nas mídias nos espaços outros de interação cultural. No entanto, dessas compreensões não são

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





devidamente discutidas e problematizadas nos intervalos formativos dos Cursos de Licenciatura de Ciências Biológicas, pesando nas concepções dXs discentes e nas práticas docentes futuras.

Conhecer e mudar esse quadro, é, pois o desafio!

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BONFIM, C. R. S.. **Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas.** 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais. Brasília, 1999.

CARVALHO, F.A.. Aproximações foucaultianas para pensar o pensamento sobre sexualidade e educação sexual. Texto apresentado ao **V Congresso Internacional sobre Formação de Profesores de Ciencias.** MIMEO, 2011.

_____. Educação Sexual no Brasil: poderes, resistências e contradições. In **Colonialismos, Pós-Colonialismos e Lusofonias** – Atas do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais. Aveiro: Programa Doutoral em Estudos Culturais, 2013. pp. 753-758.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

LOURO, G. L. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade – um debate contemporâneo em educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Sexualidade: lições da escola. In.: MEYER, D. E. (Org.). **Saúde e Sexualidade na escola.** Porto Alegre: Mediação, (Cadernos Educação Básica 4), 1998, p. 85- 96.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





_____. Corpo, escola e identidade. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 25, no. 2, jul/dez, 2000. Pp. 59-72.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Ciências para a Educação Básica**. Curitiba, 2008.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, D. O. Falando com professores das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. **Enseñanza de las ciencias**, v. 21, nº 1, 2003. pp. 67-75.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.35-82.

SEXUAL EDUCATION: WHAT BIOLOGICAL SCIENCES STUDENTS THINK ABOUT IT?

Profa. Doutoranda Fabiana Aparecida de Carvalho
PCM-UEM/ Departamento de Biologia
Universidade Estadual de Maringá

ABSTRACT: The representations manifested by future teachers about issues such as gender, homosexuality, masturbation, violence, abortion, construction of body, and diversity, among others, are not well known, and neither themed and debated in undergraduate study plans. In addition, the myth that sexual education should be the responsibility of science teachers. Furthermore, this paper presents results of a survey conducted with students of Biological Sciences. The purpose is to uncover their facilities, difficulties, practices, and concepts, before facing issues of sexuality, regarding actions and teacher qualification. The results are organized by categories (definition; difficulty; held practices; difficulty concerning themes), which also, intent to focus on a range of critics about sexual dispositive that affect the performance of biologists and future educators.

Keywords: Education for Sexuality; Representations; Science and Biology Education.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:

